

Documento Histórico.

" O NASCIMENTO DO ENLATADO "

Autor: Claudio Barcelos de Barcelos

Certificado da censura 3946/71 de 7 de julho de 1971.

Observações:

- Cópia carbono com carimbo da censura, e assinatura do censor.
- Dois originais mimeografados com carimbo da SBAT e da censura.
- Cópia carbono contém indicações das impropriedades do texto.
- Não existe cópias para consulta ao texto.

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA
FEDERAL
M. J.
TUBINA DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS
DR/RS. PROIBIDO / 197

10 / junho / 1971
Clóvis Cavendo
censo

" O NASCER DO ENLATADO "

Direção: Claudio B. Barcelos
PUC-PÓRTO ALEGRE

Próximo ao claro no mundo do silêncio e do escuro na vida partículas e agitada, bagunçada e alucinante.

Comunicação através de palavras, ou gestos, na falta a ação. Num caso extremo vem a insatisfação, o todo é incompleto. Quando se completa, se esgota, procuram-se prazeres.

E assim... assim...

Costas fechadas. Um giro em busca da abertura, só entrando no encontro de suas tormentas e assopros, total largueza, chocante ao fundo.

Pureza porca, liberdade chorada e fumegante, perdição total, intranquilidade. As vêzes estabilidade e segurança maior na amplidão do verdadeiro.

Confiança sem charme, mas com o conjunto de fatores, na bravura das alucinações passageiras, ou permanentes, ao ridículo das contradições, busca-se imagens falsas, ironias e desajustes, a falsidade a mentira.

De horas em contato de dias vividos, nas máximas reflexões, levo instantes de minha existência.

Frágil e sensível me encontro. Falar de nossa era de consumo, de nós mesmos, já é rotina. O que me resta?... Estou totalmente perturbado.

Vivo em constante prisão de sentidos...

Afinal? O que sou? Se é que sou?

Só o que sei, é que hoje estou iluminado por luzes artificiais, mas lembrar que passavam-se meses e eu naquela escuridão.



2

Ouvia vozes lá fora, dúvidas a meu respeito. Alguns diziam que eu seria mulher embora não contente, suportava firme, encolhido, sem ao menos um gesto uma palavra.

A alimentação vinha lá de cima aos empurrões, depois de passar pelo estômago, chegava a mim lá no útero, já triturado, sem o mínimo direito de escolha.

Quando dormia, lá fora conversavam, discutiam, quando acordado estava, lá fora dormiam.

O verão foi horrível o calor insuportável, já não suportava a espera.

A noite um pêso enorme caia sôbre mim, e êste pêso a se movimentar constantemente.

Então ao completar ⁷ meses, resolvi dar um susto, mas seguida voltei ao local devido.

Quando as nove ^{HESES} se aproximavam, o verão acabava, o não podia cair sobre mim, coloquei-me de ponta-cabeça e nadei numa direção definida. Eu queria era sair, foi trabalhoso, mas consegui.

Era tudo muito estranho. Nem mesmo abrira os olhos e já passaram a banhar-me, como que tirando-me a essência que me envolvia.

Em seguida, mãos agarraram-me. Queria sorrir, fizeram-me chorar. Muito embora eu quisesse o direito, impuseram-me o seio esquerdo.

Depois trataram de me rotular.

Enquanto umas figuras estranhas gritavam: Mais um homem... Mais um fruto...

Assim estava... corpo nú... algumas figuras acariciavam minha característica masculina... mas foi ^{por} ~~um~~ momento, pois em breves instantes já fizeram de mim um pacote bem embrulhado.

Então empacotado, rotulado, sentiram que tinha condições de ser consumido.

Quando meus primeiros movimentos se faziam sentir, juntamente a êles, sentia a reação do chão que tornava-se embrutecido a cada pisada sofrida.

Tantas gritarias em engrenagens, pareciam semear barbarismos em busca dum resultado a longo alcance.

Caí em águas imundas e estava impossibilitado de nadar contra o lamentável.



Com tantos ruídos, meus buracos auditivos por persistência, assimilaram as balbúrdias e passei a fazer uso de ruído preparado: A Palavra. Mas de imediato sentia que os ouvidos alheios, mórmente já não me ouviam.

Passaram alguns anos, com a devida embalagem, me puse-ram exposto em prateleiras: Era a escola.

De início, choquei-me com uma professora louca de matemática, a infeliz queria que eu resolvesse seus problemas. Briguei com o professor de história. Ora, eu vivia o presente que me importava as berrações de passado, de datas mancha-das de sangue, de heróicos matadores.

Desesperado saí correndo da escola, e fui pedir amparo ao médico e êle pensou que eu fôsse doente. Então achando que um remédio me faria bem procurei um padre, não ligou-me, man-dou que eu rezasse. Tomei o ônibus e ainda tive que pagar duas passagens, pois o padre mandara eu ir com Deus. Além do motorista maltratava o veículo, movimentando-o sem parar.

~~A noite, apressado, fui a cafeteria ver se comprava um bom~~
~~o primeiro veio com insultos... Miseráveis!~~

Super lotado o móvel se movimentava, havia pessoas em-
penduradas no nariz de outras. As cabeças dos pequenos, ser-
viam de cinzeiros dos grandes. Numa parada rotineira, o mo-
torista, esperou que um miserável escovasse os dentes, bei-
jasse longamente sua espôsa, para depois tomar aquele fino
transporte.

Uma jovem bancária, sentada ao banco lateral, aproveitava o forte calor que se fazia, numa medida econômica para bronzear-se.

Nos bancos seguintes as variedades eram notáveis: uma
mulher, sintonizava seu rádio em alto volume, numa novela
dramática, fazendo a maioria chorar, enquanto que um velho
lavava sua dentadura, com as lágrimas resultantes.

E as paradas se sucediam.

Desmaios a cada instante já tinham perdido a curiosidade. Não havia espaço nem para um sorriso.

De repente, houvia-se um espirro! Foi o bastante para o vírus espalhar-se por todo o coletivo. E os atchins se ge-
neralizavam.

Meu desespero aumentava.



4

Descí, daquela máquina frágil, que solta gases mortíferos. O mundo ficara duro, para meu peito mole e friolento. Os passaros não cantavam, para mim, defecavam. As pessoas, eram estátuas, duras, sêcas, áridas. Meu olhar só fixava um longo caminho volteado por espinhos, que rasgavam meus olhos, como que me proibindo da pureza ou da alegria. Meus lábios se movimentavam apenas para digerir um fruto desgostoso e inadequado.

Sorrisos....para onde... para quem...

Destruía-me dia a dia. Posso afirmar que era um morto móvel que andava descontinuamente.

E os momentos inertes se seguiam, acompanhando-me anualmente. As estátuas me cercavam e me cercam, me perseguiam e me perseguem. Que me agridam... que me agridam...

Meu miolo pensante, vive em delírios permanentes. E ainda falam-me de frutos que recebo.

Recebo...recebo...se só ganho o que não devo, só faço o que não quero, se tenho um rótulo na testa, uma remarcacao no braço, uma dívida no bolso, se vivo amontoado em cubos de cimento armado, se só encontro corações de concreto a desejar coisas materiais.

E o beijo paralelo..... é paralelo.....

Recebo...recebo... Frutos?

Tudo de papel- meu ídolo- Ama-se no papel, come-se de papel, briga-se por papel, o papel no ordenado, na escola, na propaganda, no banheiro. Papel parede, papel higiênico, papel sujo, rasgado, e o papel propriamente dito. Escrevemos embrulhamos, limpamos, com o papel, que transmitem dores, que derrubam gigantes. Papeis que queimam nos os olhos, papeis que armazenam direitos e deveres. Mulheres de papeis. Nêle fica a vida, nêle fica a morte.

Recebo...recebo... um olhar de Cr\$ 50,00, um abraço coberto de Cr\$ 80,00, o amigo que vale Cr\$ 200,00, a refeição de Cr\$ 5,00, minha mulher já ronca com motor de milhões.

Meus momentos vagos se iluminam com a luz de 5 minutos.

Nestes olhares curiosos, vejo o despetar de uma rotina, do diário, quantas incertezas, quantos rumores.

O futuro, eu vejo nestes dias, nestas horas, neste instante.

Quisera eu, que minhas palavras, tornassem um fraco, resistente. Levassem ao abandono do momento, até o surgimento do esquecido.

Mas, assim estou, gritando sem ser ouvido.

Ah! Tamanho reflexo, que me leva tão distante, estando eu tão próximo do real e dos faróis.

Ah! Escuridão que já está por sumir-se, sem ao menos um adeus, e eu a acreditá-la, bebendo esperança de uma inexistência.

Ah! Consciência frágil, para esta verdade crua.

Quem sabe?...

Quem sabe... o invisível?... Quem sabe?... o extranismo de um exatidão?... Quem sabe?... com as veracidades dos dizeres, tornem ociosas a mudez premeditada.

Quem sabe?... com o desligamento das fantasias os celibatários se enamorem das mulheres virginosas e possamos ter o mais além, na ansia de espulsar o "por minha culpa".

Pudéssemos todos ajudar a soprar o vento, levando mais distantes, nossos desejos, nossos prazeres.

Pudéssemos morrer na noite, vivendo nela. Fazer os espinhos nos fazerem carícias. Então os meus lábios moveriam-se, dando sorrisos largos.

As estátuas entrariam em movimentos. Muito embora o chão me oferecesse a cova a cada instante, me conformaria em sêr um cadaver explosivo.

Teríamos então, nossos encontros abertos, fumaríamos um cigarro pelo efeito, e o largaríamos por causa. Mas é apenas sonhar antes do imaginável, apenas o sonho de uma nova vida, de um sub-mundo... E saber-se da longa distância.

Preferimos conservar vivas as angustias incontidas.



É uma covardia persistente em busca do ideal.

Não dispomos de tempo nem de espaço.

O direito. A escolha. O escuro da noite. O vazio da fumaça.

Temos de um lado o esquecido Deus.

Do outro o falido diabo.

Países ricos e pobres.

Um cria.

Multidões destroem.

Uma imagem esperteza

A outra: masoquismo.

Hoje somos cães. E ontem?

Bem... o certo é que uma época se passou, são velhos, foram jovens. Portanto viveram. Talvez tenham sómente vegetado, muito embora, fossem ditos racionais.

Análise seria incompreensão, crítica, muito mais.

O certo é que ela passou, e com ela os "valores", o "machão", a escravidão.

E hoje, o que somos?

Como somos coisas...

Enfrentamos o sol, a chuva, as imposições, o erotismo, a televisão, a prostituição, o intelectual marginalizado.....Como somos corajosos!

Descobrimos as américas, a senhorita, o anticoncepcional, o sorrisal, a mulher do próximo.....Como somos curiosos!

Inventamos as fronteiras, o vício, o anti-vício, o ídolo, ~~as fronteiras~~.....Como somos invetores!

Minha embalagem, já passa ao desgaste, só me resta a fortuna lógica, a pureza das reflexões, e a esperança que os faróis aqueçam um desabrigado.

As energias morrem e renascem.

Poderíamos admirar profundamente a alegria antônima. Modificaríamos o marcante, dando vazão ao volúvel. Os radicais ignorariam suas posições, chocando-se os ideais, em busca do extremismo dos desejos, o diálogo extremo, esquecendo-se da ética, do orgulho, da ganância.

Seriam dias de otimismo. Minha fase transitiva, se estabilizaria. Daria gritos de existência, me conformaria com o passar do tempo.

Simplificar a vida... simplificar...

...simples e pura, como a ingenuidade de um pássaro, sob a semelhança de um avião em alcance...

O futuro torna-se presente.

O passado fica real.

A semelhança, se iguala.

O amor sôbre o ódio.

A repulsa é agressão. Agressões são carinhos.

É meu sentimento unico...

Em busca da minha certeza, certeza, certeza, certeza.

De dias vividos...sem viver.



AUTOR: Cláudio B. Barcelos

T- Próximo ao claro, no mundo do silêncio e do escuro, na vida particular e agitada, bagunçada e a lucinante. Comunicação através de palavras ou gestos, na falta da ação. Num caso extremo vem a insatisfação. O todo é incompleto. Quando se completa, se esgota, procuram-se prazeres.

1, 2- E assim... Assim...

3- Costas fechadas.

4- Um giro em busca da abertura, só a encontrando no encontro de suas tormentas e assopros.

5- Total largueza,

6- Chocante ao fundo.

7- Pureza porca, liberdade chorada e fumeante, perdição total, intranquilidade.

5- Às vezes estabilidade e segurança maior na amplitude do verdadeiro.

3- Confiança sem cor, mas com o conjunto de fatores da bravura das alucinações passageiras ou permanentes, ao ridículo das contradições.

4- Busca-se imagens falsas, ironias e desajustes, a falsidade, a mentira.

6- De horas em contato de dias vividos nas máximas reflexões, leve instantes de minha existência. Frágil e sensível me encontro.

7- Falar de nossa era de consumo, de nós mesmos, já é rorina.

5- O que me resta? Estou totalmente perturbado. Vivo em constante prisão de sentidos.

1- Afinal, o que sou? (Se é que sou) Só o que sei é que hoje estou iluminado por luzes artificiais, mas lembrar que passavam-se meses e eu naquela escuridão...

3- Ouvia vozes lá fora, dúvidas a meu respeito. Alguns diziam que eu seria mulher. Embora não consente, suportava firme, encolhido, sem ao menos um gesto, uma palavra.

2- A alimentação vinha lá de cima aos empurrões. Depois de passar pelo estômago, chegava a mim, lá no útero, já triturada, sem o menor direito de escolha.

7- Quando dormia, lá fora conversavam, discutiam. Quando acordado estava, lá fora dormiam.

4- O verão foi horrível, o calor insuportável. Já não suportava mais a esfera. À noite, um peso enorme caía sobre mim, e este peso a se

movimentar constantemente.

5- Então, ao completar sete meses, resolvei dar um susto, mas em seguida voltei ao local devido.

1- Quando os nove se aproximavam, o verão acabava, o peso já não podia cair sobre mim. Coloquei-me de ponta-cabeça e nadei numa direção definida.

3- Eu queria era sair. Foi penoso, mas consegui.

6- Era tudo muito estranho. Nem mesmo abria os olhos e já passaram a banhar-me, como que tirando-me a essência que me envolvia. Em seguida, mãos agarraram-me. Queria correr, fizeram-me chorar. Muito embora eu quisesse o direito, impuseram-me o seio esquerdo. Depois, trataram de me rotular, enquanto umas figuras estranhas gritavam.

T- Mais um homem. Mais um fruto!...

6- Assim estava: Corpo nu... Algumas pessoas apreciavam minha característica masculina... Mas foi um breve momento, pois em breves instantes já fizeram de mim um pacote bem embrulhado.

2- Então empacotado, rotulado, sentiram que tinha condições de ser consumido.

7- Quando meus primeiros movimentos se faziam sentir, juntamente a eles sentia a reação do chão que se tornava embrutecido a cada pisada sofrida.

T- Tantas gritarias em engrenagens, pareciam semear balbúrdias em busca de um resultado a qualquer alcance. Cai em águas imundas, e estava impossibilitado de nadar contra o lamentável. Com tantos ruídos, meus buracos auditivos, por persistência, assimilaram as balbúrdias, e passei a fazer uso do ruído preparado -

6- A Palavra. Mas de imediato, senti que os ouvidos alheios vormente já não me ouviam. Passavam alguns anos. Com a devida embalagem, me fui seram exposto em prateleiras. O mundo ficara duro para meu peito mole e friorento. Os pássaros já não cantavam para mim. Defecavam. As pessoas eram estátuas duras, secas, áridas. Meu olhar só fitava um longo caminho volteado por espelhos que rasgavam meus olhos, como me proibindo da pureza ou da alegria. Meus lábios se movimentavam apenas para digerir um fruto desagostoso e inadequado.

5- Sorrisos... Para onde... Para quem... Destruía-me dia a dia. Posso afir-

IMPRESSÃO
DE 19 ANOS

D. P. T.
Câmara de Vereadores

mar que era morto móvel, que se movimentava descontinuamente.

7- E os movimentos inertes se seguiam acompanhando-me anualmente.

1- As estátuas me cercavam

3- E me cercam.

6- Me mordiam

2- E me mordem.

1- Que me agridam!.. Que me agridam!.

2- Meu miolo pensante vive em delírios permanentes. E ainda falam-me de frutos que recebo. Recebo... Recebo... Se só ganho o que não devo, só faço o que não quero, se tenho um rótulo na testa, uma remarcação no braço, uma dívida no bolso, se vivo amontoado em cubos de cimento armado, se só encontro corações de concreto a desejar coisas materiais...

5- E o beijo paralelo... É paralelo...

6- Recebo... Recebo... Frutos... Tudo de papel.

4- Meu ídolo - Ama-se no papel, come-se de papel, briga-se por papel. O papel no ordenado, na escola, na propaganda, no banheiro.

3- Papel-parede,

2- Papel-higiênico,

1- Papel sujo, rasgado,

7- Papel propriamente dito.

5- Escrevemos, embrulhamos, limpamos com papel, que transmite dores, que derruba gigantes. Papéis que queimam nossos olhos, papéis que armazenam direitos e deveres.

3- Há mulheres de papel. Nêle fica a vida, nêle fica a morte. Recebo... Recebo...

1- Um olhar de Cr\$50,00, um abraço coberto de Cr\$30,00, o amigo que vale Cr\$200,00, a refeição de Cr\$5,00. Minha mulher já ronca com motor de milhões.

7- Nesses olhares curiosos, vejo o despertar de uma rotina, do diário. Quantas incertezas! Quantos rumores! O futuro eu vejo nesses dias, nessas horas, neste instante.

4- Quisera eu que minhas palavras tornassem um fraco resistente. Levassem do abandono do momento, até o surgimento do esquecido. Mas assim estou: Gritando sem ser ouvido. Ah, tamanho reflexo que me leva tão

distante, estando eu tão próximo do real e dos faróis! Ah, escutirão que já está por sumir-se sem ao menos um adeus, e eu a acreditar-la, bebendo esperança de uma inexistência!

2- Ah, consciência frágil para essa verdade crua!... Quem sabe?... Quem sabe... Quem sabe o invisível?... Quem sabe o extremismo de uma exatidão?... Quem sabe com as veracidades dos dizeres, tornem o ciosa a mudez premeditada? Quem sabe com o desligamento das fantasias, os celibatários se enamorem das mulheres virginosas, e possamos ter o mais além na ansia de expulsar o "por minha culpa"?

5- Pudéssemos todos ajudar a soprar o vento, levando mais distante nossos desejos e nossos prazeres.

3- Pudéssemos morrer na noite, viver do nela... Fazer os espinhos nos fazerem carícias...

6- Então os meus lábios se moveriam, dando sorrisos largos. Variar as estátuas entrarem em movimento, muito embora o céu se oferecesse a cova a cada instante. Me confortaria em ser um pássaro explosivo... Teríamos então nossos entros abertos. Fumariamos um cigarro por efeito, e o largariamos por causa.

4- Mas é apenas sonhar ante o imaginável, apenas o sonho de uma nova vida, de um mundo de verdade. Saber-se da longa distância...

7- Preferimos conservar vivas as angústias incontidas. É uma covardia persistente em busca do ideal. Não dispomos de tempo nem de espaço. O direito... A escolha... O escuro da noite... O vazio da fumaça...

1- Temos o fraco Zeus de um lado, e do outro, o falido Diabo. Países ricos e pobres. Um cria, multi-dões destroem. Uma imarem, espertiza. A outra, masquismo. Hoje somos cães. E ontem?

2- Bem... O certo é que uma época se passou. São velhos, foram jovens, portanto "viveram". Talvez tenham apenas vegetado, muito embora fôg sem ditos racionais.

5- Análise seria incompreensão. Crítica, muito mais. O certo é que ela passou, e com ela, os "grandes valores".

- 3
- 4- Afinal, o que somos? //
 - 6- Como somos coisas!... Enfrentamos o sol, a chuva, as imposições, o erotismo, a televisão, o intelectual marginalizado... //
 - 5- Como somos corajosos: //
 - 6- Descobrimos as Américas, a senhori-ta, o anti-concepcional, o Sonrisal, a mulher do próximo... //
 - Como somos curiosos: //
 - Inventamos o vício, o anti-vício, o ídolo, as fronteiras... //
 - 1- Como somos inventores: //
 - 6- Minha embalagem já passa ao desgaste. Só me resta a fortuna lógica, a pu-reza das reflexões, e a esperança de que os faróis aqueçam um descobri-do... //
 - 3- As energias morrem e renascem... Po-deríamos admirar profundamente a a-legria autônima. Modificaríamos o marcante, dando vazão ao volúvel. Os radicais ignorariam sua posição, chg-cando seus ideais em busca do extre-mismo do desejo, do diálogo extremo, esquecendo-se da ética, do orgulho, da ganância. Seriam dias oprimi-mo. Minha fase transitória se esta-bilizaria, dando gritos de existên-cia. Me conformaria com o passo do tempo. Simplificar a vida... Simpli-ficar... Simples e pura semelhan-ça de um pássaro, sob a seme-lhança de um avião em alcance... O futuro torna-se presente. O passado fica real. A semelhança se iguala. O ódio cede lugar ao amor... A repulsa é agressão. Agressões são até tomadas como carinhos... O meu sentimento único em busca de minha certeza... Em busca de minha certa-za... De dias vividos... Sem viver...

ANTOR: CLAUDIO BARCELOS DE BARCELOS

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

(RS)

O NASCIMENTO DO ENLATADO

Seja feita a publicação desta do autor. *Alhada*

Próximo ao claro, no mundo do silêncio e do escuro, na vida particular e agitada, bagunçada e alucinante. Comunicação através de palavras ou gestos, na falta da ação. Num caso extremo vem a insatisfação. O todo é incompleto. Quando se completa, se esgota, procuram-se prazeres.

1, 2- E assim... Assim...

3- Costas fechadas.

4- Um giro em busca da abertura, só a encontrando no encontro de suas tormentas e assopros.

5- Total largueza,

6- Chocante ao fundo.

7- Pureza porca, liberdade chorada e fumeante, perdição total, intranquilidade.

5- Às vezes estabilidade e segurança maior na amplitude do verdadeiro.

3- Confiança sem cor, mas com o conjunto de fatores da bravura das alucinações passageiras ou permanentes, ao ridículo das contradições.

4- Busca-se imagens falsas, ironias e desajustes, a falsidade, a mentira.

6- De horas em contato de dias vividos nas máximas reflexões, levo instantes de minha existência. Frágil e sensível me encontro.

7- Falar de nossa era de consumo, de nós mesmos, já é rorina.

5- O que me resta? Estou totalmente perturbado. Vivo em constante privação de sentidos.

1- Afinal, o que sou? (Se é que sou) Só o que sei é que hoje estou iluminado por luzes artificiais, mas lembrar que passavam-se meses e eu naquela escuridão...

3- Ouvia vozes lá fora, dúvidas a meu respeito. Alguns diziam que eu seria mulher. Embora não consciente, suportava firme, encochado, sem ao menos um gesto, uma palavra.

2- A alimentação vinha lá de cima aos empurrões. Depois de passar pelo estômago, chegava a mim, lá no útero, já triturada, sem o menor direito de escolha.

7- Quando dormia, lá fora conversavam, discutiam. Quando acordado estava, lá fora dormiam.

4- O verão foi horrível, o calor insuportável. Já não suportava mais a esfera. À noite, um péso enorme caía sobre mim, e este péso a se

movimentar constantemente.

5- Então, ao completar sete meses, resolvei dar um susto, mas em seguida voltei ao local devido.

1- Quando os nove se aproximavam, o verão acabava, o péso já não podia cair sobre mim. Coloquei-me de ponta-cabeça e nadei numa direção definida.

3- Eu queria era sair. Foi penoso, mas consegui.

6- Era tudo muito estranho. Nem mesmo abria os olhos e já passavam a banhar-me, como que tirando-me a essência que me envolvia. Um seruido não agarraram-me. Queria sorrir, fizeram-me chorar. Muito embora eu quisesse o direito, impuseram-me o seio esquerdo. Depois, trataram de me rotular, enquanto umas figuras estranhas gritavam:

7- Mais um homem! Mais um fruto!...

6- Assim estava: Corpo nú... Algumas pessoas acariciavam minha característica masculina... Mas foi um breve momento, pois em breves instantes já fizeram de mim um pacote bem embrulhado.

2- Então empacotado, rotulado, senti ram que tinha condições de ser consumido.

7- Quando meus primeiros movimentos se faziam, juntas, juntamente, as sentenças da realidade do cotidiano, embriagado a coisa, a coisa, a coisa.

7- As tantas, gritarias em engrenagem, não iam semear barbarismos em busca de um resultado a longo alcance. Cai em águas imundas, e estava impossibilitado de nadar contra o lamentável. Com tantos ruídos, meus buracos auditivos, por persistência, assimilaram as balbúrdias, e passei a fazer uso do ruído preparado -

6- A Palavra. Mas de imediato, senti que os ouvidos alheios mormente já não me ouviam. Passavam alguns anos. Com a devida embaleza, me vi seram exposto em brateleiras. O mundo ficara duro para meu veito mole e friorento. Os pássaros já não cantavam para mim. Defecavam. As pessoas eram estátuas duras, secas, áridas. Meu olhar só fitava um longo caminho volteado por espinhos que rasgavam meus olhos, como me proibindo da pureza ou da alegria. Meus lábios se movimentavam apenas para dizer um fruto desgostoso e inadequado.

5- Sorrisos. Para não... Pastrina-me da e...

IMPRÓPRIO ATE 14 ANOS

Publicação - a Serviço e Censura D. P. F.

mas que era morto móvel, que se movimentava descontinuamente.

- 7- E os movimentos inertes se seguiam acompanhando-me anualmente.
- 1- As estátuas me cercavam
- 3- E me cercam.
- 6- Me mordiam
- 2- E me mordem.
- 1- Que me agridam!.. Que me agridam!..
- 2- Meu miolo pensante vive em delírios permanentes. E ainda falam-me de frutos que recebo. Recebo... Recebo... Se só ganho o que não devo, só faço o que não quero, se tenho um rótulo na testa, uma remarcação no braço, uma dívida no bolso, se vivo amontoado em cubos de cimento armado, se só encontro corações de concreto a desejar coisas materiais...
- E o beijo paralelo... É paralelo...
- 6- Recebo... Recebo... Frutos... Tudo de papel.
- 4- Meu ídolo - Ama-se no papel, come-se de papel, briga-se por papel. O papel no ordenado, na escola, na propaganda, no banheiro.
- 3- Papel-parede,
- 2- Papel-higiênico,
- 1- Papel sujo, rasgado,
- 7- Papel propriamente dito.
- 5- Escrevemos, embrulhamos, limpamos com papel, que transmite dores, que derruba gigantes. Papéis que queimam nossos olhos, papéis que armazenam direitos e deveres.
- 3- Há mulheres de papel. Nêle fica a vida, nêle fica a morte. Recebo... Recebo...
- 1- Um olhar de Cr\$50,00, um abraço aberto de Cr\$80,00, o amigo que vale Cr\$200,00, a refeição de Cr\$5,00. Minha mulher já ronca com motor de milhões.
- 7- Nêsses olhares curiosos, vejo o despertar de uma rotina, do diário. Quantas incertezas! Quantos rumores! O futuro eu vejo nêsses dias, nessas horas, nêste instante.
- 4- Quisera eu que minhas palavras tornassem um fraco resistente. Levassem do abandono do momento, até o surgimento do esquecido. Mas assim estou: Gritando sem ser ouvido. Ah, tamanho reflexo que me leva tão

distante, estando eu tão próximo do real e dos faróis! Ah, escuridão que já está por sumir-se sem ao menos um adeus, e eu a acreditá-la, bebendo esperança de uma inexistência!

- 2- Ah, consciência frágil para essa verdade crua!... Quem sabe?... Quem sabe... Quem sabe o invisível?... Quem sabe o extremismo de uma exatidão?... Quem sabe com as veracidades dos dizeres, tornem o cioso a mudez premeditada? Quem sabe com o desligamento das fantasias, os celibatários se enamorem das mulheres virginosas, e possamos ter o mais além na ânsia de expulsar o "por minha culpa"?
- 5- Pudéssemos todos ajudar a soprar o vento, levando mais distante nossos desejos e nossos prazeres.
- 3- Pudéssemos morrer na noite ^{de} dela... Fazer os espinhos nos fazerem carícias...
- 6- Então os meus lábios se moveriam, dando sorrisos largos. Veria as estátuas entrarem em movimento, muito embora o chão me oferecesse a cova a cada instante. Me confortaria em ser um cadáver explosivo... Teríamos então nossos entretos abertos. Fumariamos um cigarro por efeito, e o largariamos por causa.
- 4- Mas é apenas sonhar ante o ^{NL}imaginável, apenas o sonho de uma nova vida, de um mundo de verdade. Saber-se da longa distância...
- 7- Preferimos conservar vivas as angústias, incógnitas. É uma covardia persistente em busca do ideal. Não dispomos de tempo nem de espaço. O direito... A escolha... O escuro da noite... O vazio da fumaça...
- 1- Temos o fraco Zeus de um lado, e do outro, o falido Diabo. Países ricos e pobres. Um cria, multidões destroem. Uma imãren, esdèrteza. A outra, mascuismo. Hoje somos cães. E ontem?
- 2- Bem... O certo é que uma época se passou. São velhos, foram jovens, portanto "viveram". Talvez tenham apenas vegetado, muito embora fôsem ditos racionais.
- 5- Análise seria incompreensão. Crítica, muito mais. O certo é que e la passou, e com ela, os "grandes valores".

IMPRÓPRIO
ATÉ A MANHÃ

- 3
- 4- Simão, o que somos? //
 - 6- Como somos sábios... Enfrentamos o
so, a curva, as intuições, o ero-
tismo, a televisão, o intelectual
marginalizado... //
 - 5- Como somos corajosos! //
 - 6- Descobrimos as Américas, a senhorita,
o anti-concepcional, o Sonrisal,
a mulher do próximo... //
 - Como somos curiosos: //
 - Inventamos o vício, o anti-vício, o
ídolo, as fronteiras... //
 - 1- Como somos inventores! //
 - 6- Minha embalagem já passa ao teste.
Só me resta a fortuna lógica e a
reza das reflexões, e a esperança
que os faróis aqueçam um
do... //
 - 3- As energias morrem e renascem.
Seríamos admirar profundamente a
legria autônoma. Modificaríamos o
marcante, dando vazão ao volúvel. Os
radicais ignorariam sua posição, cho-
cando seus ideais em busca do extre-
mo do desejo, do diálogo extremo,
esquecendo-se da ética, do orgulho,
da ganância. Seriam dias de otimie-
mo. Minha fase transitória se esta-
bilizaria, dando gritos de existen-
cia. Me conformaria com o passar do
tempo. Simplificar a vida... Simpli-
ficar... Simples e pura como a inco-
gnição de um pássaro, sob a seme-
lhança de um avião em alcance... O
futuro torna-se presente. O passado
fica real. A semelhança se iguala. O
ódio cede lugar ao amor...
A repulsa é agressão. Agressões são
até tomadas como carinhos... É meu
sentimento único em busca de minha
certeza... Em busca de minha certe-
za... De dias vividos... Sem viver...



CLAUDIO BARCELOS DE BARCELOS